

Redacção, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegraphico: LANTERNA
Toda a correspondência deve ser dirigida ao
DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

Apparece aos sabbados

PREÇOS DE ASSINATURAS
ANNO . . . . . 10\$000
SEMESTRE . . . . . 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

No preço de assignatura para o exterior ha a differença de porte do Correio

EM VOLTA DO CASO IDALINA

Relembrando factos passados que ainda são de hoje —
Collegas que nos apoiam — Palavras de animação —
Como sempre: Onde está Idalina? — Consagrando o padre Faustino.

Uma divida

Era um domingo.
Em uma grande sala de um predio da rua da Constituição, no Rio, ali por volta de 2 horas da tarde de um dia calido do mez de março, 19 do calendario Gregoriano, uma multidão de homens, algumas centenas, esperava, ansiosa, ouvir a palavra dos oradores que deviam tratar de um caso sensacional que vinha agitando a opinião publica já ha algum tempo.

a esse senhor o drama que se conhece. Depois seguimos para o Cattete, sendo recebidos pelo presidente da Republica.

S. exc., depois de ouvir-nos, prometteu fazer o possivel em favor da causa que defendiamos.

Quando, entretanto, este alcoolico foi a bordo do «Minas», a tremer de medo, nada aprendeu com o cavalheiresco negro, o marujo João Candido!

E' que a alma de um é grande e generosa, a do outro, pequena e cobarde.

No entanto, fique o biltre e os seus iguaes avisados de que é esta uma divida que não julgaremos saldada para com Domingos Stamato, num compromisso contrahido no palco do Centro Gallego, no dia 19 de março de 1911, emquanto não for esclarecido este caso, e que havemos de clamar, clamar, clamar sempre:

ONDE ESTÁ IDALINA, PADRE CONSONI?

Ainda tereis a coragem, só digna de um padre catholico, de escarnecer da dor de um pai, ó monstro, depois da sentença que vos desmascarou e aos sinistros farçantes vossos conniventes?

Se ella tivesse sido contra nós, como não terieis atordoado os ares com o trombetear da vossa imprensa!

Sois uns mystificadores e para isso vos servis dos mais grosseiros expedientes.

A que ficam reduzidas, depois do veredictum do jury, as fabulas de Maria Luiza e Itala Fonte?

E' preciso inventar outras.

Faustino, Faustino, que fizeste da desventurada criança, da infeliz filha do povo Idalina de Oliveira?

Oh! maldição, maldição sobre vós e sobre todos aquelles que vos cobrem com a sua protecção!

Carlos A. de Lacerda.
Rio, 19 de março de 1912.

O que diz a imprensa

O nosso presado companheiro de lutas O Livre Pensador dedica-nos amavelmente as seguintes linhas:

Onde está Idalina? OS NOSSOS PARABENS

Damo-los, com a maxima effusão com a mais intensa alegria, aos nossos collegas da Lanterna e da Battaglia por verem os seus nobres esforços empregados com tanta abnegação e desinteresse em prol da verdade no infauso caso Idalina, rodeados de pleno excito.

O tribunal, pela bocca de seus juizes, acaba de patentear que a infeliz menina não foi retirada do Orfanato e que a mulher que os padres dizem ter sido a sonegadora da orfã está provado que não existe, que é uma personagem fantastica.

Esperamos agora que o tribunal, para honra de S. Paulo, pronuncie os padres responsaveis pelo desaparecimento, ou sumiço, da infeliz orfã e os obrigue a prestar contas do crime de que são accusados.

E mesmo que justiça se faça, não será sinão devido á acção heroica daquelles dois jornaes que, com um desassombro tão pouco commum, arrostando todos os perigos, vencendo todos os empecilhos, oppostos pela clericanilha mancomunada com a policia, conseguiram impressionar e interessar vivamente uma população de alguns milhões como a do Estado de S. Paulo, que severa e insistentemente pergunta aos clericais: — Onde está Idalina?...

Declarações de solidariedade

«Sr. Edgard Leuenroth:
Congratulo-me com v. pela victoria alcançada na campanha contra os pulhas do Orfanato sinistro, pois pela decisão do Tribunal do Jury da capital ficou eternamente provado que a infeliz Idalina jámais saiu desse antro tenebroso.
Villa Olympia, 14 — 2 — 912.
José Hilario dos Santos.»

«Sr. Edgard Leuenroth:
Effusivas saudações. Felicito-o calorosamente por mais uma victoria alcançada sobre o caso Idalina.
S. Paulo, fevereiro de 1912. —
João Medeiros Coimbra.»

«Aos incansaveis lutadores da Lanterna patentamos a nossa solidariedade e enviamos-lhes os nossos parabens pelo recente triumpho alcançado no caso Idalina.
Nosso voto é que desapareça essa seita peçonhenta que enlameia a sociedade com os seus crimes e devassidões.
Rio, 12 — 2 — 912. —
Manuel Esteves e Hygino Alves.»

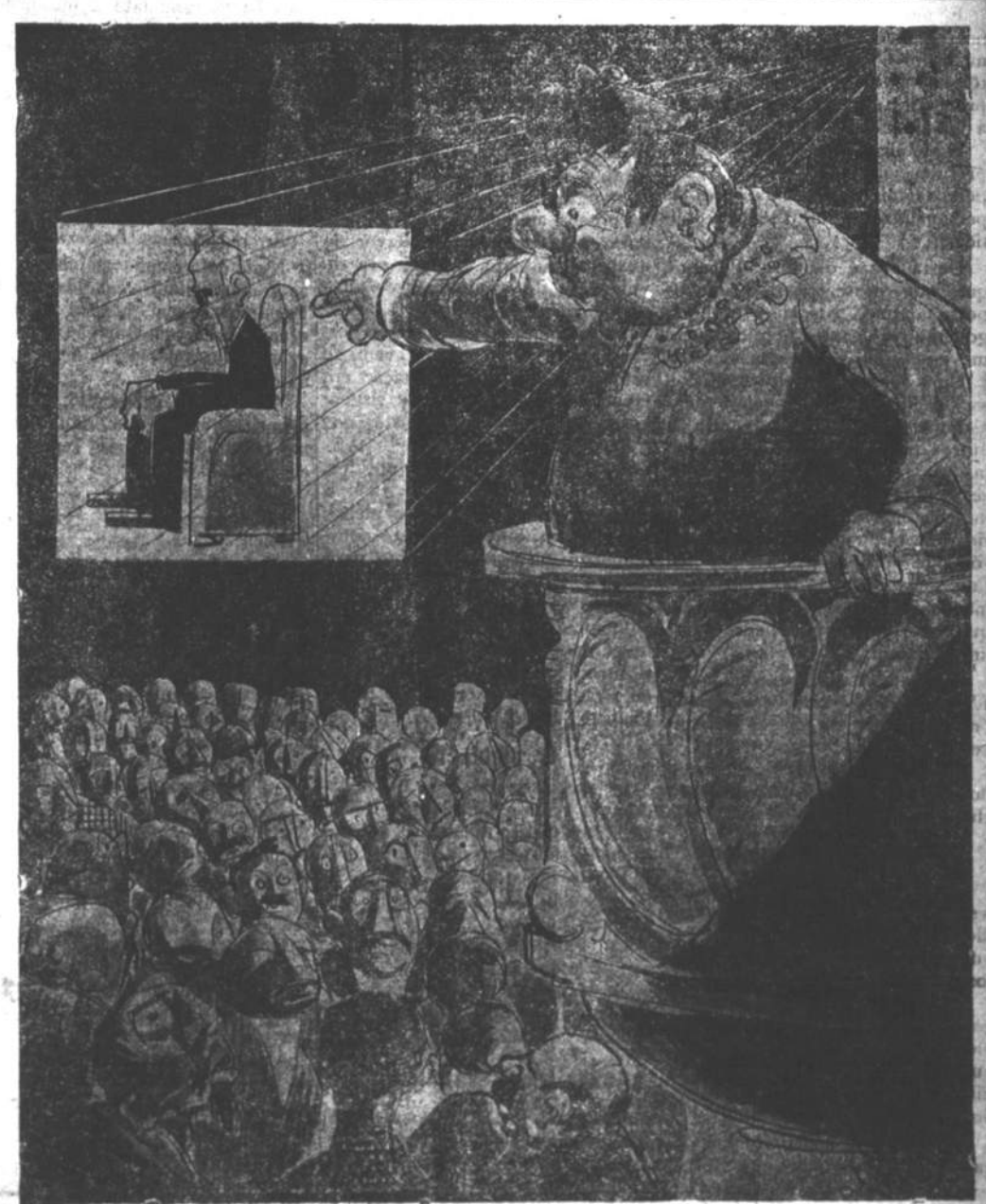
«Caro camarada:
Abraço-vos pela recente victoria que acabais de alcançar contra essas aguias negras, devoradoras da infancia do Orfanato.
Rio, 12 — 2 — 912. —
Manuel Joaquim Fernandes.»

«Sr. Edgard:
Venho por meio desta congratular-me comvoso pela nova phase do caso Idalina, que os padrecos tentam abafar.
Reconhecendo em vós um batalhador da justiça, não posso nem devo deixar de cumprimentar-vos pelo ultimo triumpho alcançado.
Ribeirão Preto, 6 — 2 — 912. —
André Castiglione.»

«Presado amigo Edgard:
Aceitei um abraço e parabens pela victoria alcançada com a judiciosa decisão do jury dessa capital, que desfez as torpes falsidades apresentadas como provas pelos padres no caso Idalina.
De accordo com a decisão dos juizes que o computaram, homens de caracter independente e dignos de applausos, terá o tal padre Faustino de occupar o banco dos reus, assim como outros da sua quadrilha.
Avante, caro companheiro, que um dia cantaremos o hymno da victoria, vendo por terra a torpe caferva que rouba-nos a todo o momento a honra, a saúde, o tempo, o dinheiro.
S. Rita de Cassia, 12 — 2 — 912. —
Tobias Augusto Falloni.»

(SEGUE NA 2.ª PAGINA)

Os caracteres adquiridos (sentimentos patriótico e religioso) resultam duma especie de epidemia ou contagio. Basta um pregador ou um agitador politico ou religioso para determinar um movimento de opinião evidentemente faccioso. Os homens são arrastados neste caso por imitação e por um effeito sobre o systema nervoso.
De Gandolle.
(Histoire des sciences et des savants).



— Meus irmãos! Não confieis nesse que vos apresentam em beatífica attitude. Elle pertencenos tambem, é certo, entretanto só o nosso virgem e martyr Faustino reúne os predicados para ser o chefe dos governantes desta santa terra.

A LUTA SOCIAL EM FRANÇA

Em França: as leis scleradas e a agitação popular provocada pela sua applicação — Um grande comicio — Anistia geral ou perdão individual? — Guarde o seu perdão, sr. ministro!

O comicio celebrado no domingo passado em Paris contra as «leis scleradas» de 1893-94, sob a presidencia de três das suas vítimas, Dumont, Viau e Baritaud, foi deveras imponente e digno das tradições do grande foco revolucionario.

Apesar de ser quasi exclusivamente operária, pois os intellectuais da questão Dreyfus, tão pródigos de promessas então, estão hoje satisfeitos em geral, esta agitação popular já deu alguns fructos: como o declarou ao numero publico, acorrido ali a despeito do mau tempo, o advogado que defendêra os três militantes do sindicalismo, se estes tiveram uma pena relativamente benigna — seis meses de prisão já soffrida, exigindo as «leis scleradas» a detenção preventiva! — foi isso exclusivamente devido, não á benevolencia dos juizes ou do governo, mas á energia e colossal manifestação do domingo anterior.

Do seu lado, bastantes intellectuais independentes, tendo-se reunido para tratar da situação escandalosa de Hervé, decidiram enviar uma delegação ao presidente do conselho para lhe demandar, não o perdão de Hervé, mas a anistia geral para os delictos de imprensa.

A delegação foi, mas o chefe do ministerio, Monsieur Poincaré, famoso advogado de grandes companhias financeiras, não acha a occasião propicia para anistias: examinará apenas, atenta e imparcialmente, o caso de Hervé e outros casos particulares que lhe forem apontados...

Trata-se de dividir, trata-se de contentar uma corrente de opinião com algumas concessões generosas, mas restrictas...
Hervé, porém, é que não consente em prestar-se ao jogo. E numa carta altiva ao presidente de ministros, repete-lhe rudemente o que já declarára no seu jornal: que graça especial não a quer êle de modo algum. Fiquem sabendo de uma vez para sempre o sr. Poincaré, o seu ministro da justiça e o seu presidente da Republica. E boa noite.
Contribuirá este gesto para a anistia geral?... — Neno Vasco.

Julgamos interessante reproduzir a carta a que se refere o nosso correspondente de Lisboa — a do preso Hervé ao presidente do conselho Poincaré:
«La Conciergerie, 21 de janeiro de 1912.
Senhor,
Em consequencia duma visita que uma delegação, chefiada pelo sr. Henrique Rochefort, teve a bondade de vos fazer para vos pedir uma anistia em meu favor, leio nos jornaes desta manhã que, hostil a qualquer anistia, vos dignareis entretanto «examinar, com inteira imparcialidade, todas as situações individuaes interessantes que vos forem assignaladas».
Convido-vos a dispensar-vos de examinar, mesmo com inteira imparcialidade, a minha situação individual, interessante ou não.
Visto parecer não vos bastar um meu primeiro protesto publi-

co, repito-vos que a vossa graça para nada me servirá.
Espero que, desta vez, o tenhais por dito, vós, o vosso ministro da justiça e o vosso presidente da Republica.
Saudo-vos.
GUSTAVO HERVÉ.»

Ha presos que são mais livres dos que muitos miseraveis em liberdade.



A carreira ecclesiastica
De um artigo do Mundo, do Lisboa, transcrevemos o seguinte trecho interessante:

«Nos seculos XIII e XIV, os srs. prelados ainda fulminavam os povos, porque estes, convencidos do seu poder sobrenatural, a tudo se sujeitavam como desventurados rebanhos selvagens. Os srs. prelados hoje são positivamente de carne e osso como toda a outra gente. Não são delegados do divino, mas simples cidadãos que os accasos da politica e das protecções pessoais elevaram ás vistosas prebendas que desfructam.

Por exemplo, que nomearam patriarcha o sr. Mendes Bello, depois de terem «scuraçado» de S. Vicente de Fera o cardinal Netto, graças a uma intriga apoiada no Vaticano pelo antigo nuncio em Lisboa Vanutelli, antigo nuncio em Lisboa franciscano, não O cardinal Netto, franciscano, não gozava das sympathias dos jesuitas; muito pelo contrario: e ha curiosos motivos de ordem particular que não vem a proposito recordar agora.

Por outro lado, o cardinal Netto, curto de entendimento, mas austero — nas suas crenças religiosas, entendeu censurar um dia certas aventuras e certas attitudes galantes de Vanutelli, o nuncio. Este nunca lhe perdoou, e logo que presentiu haver em Lisboa, por parte de João Franco, o proposito de alijar do patriarchado o cardinal Netto, para em paga de serviços politicos o substituir pelo sr. Mendes Bello, começou preparando no Vaticano o ambiente necessario á alludida solução. Foi assim. Pio X, manejado pelos jesuitas como uma pobre criança... velha e trôpega, em tudo concordou, sem saber o que fazia, como na occasião informou para Lisboa um correspondente romano...

# A candidatura do padre Faustino

## O momento fatal

E' este o ultimo numero da *Lanterna* que aparece antes do grande pleito eleitoral em que vai ser suffragado o nome consagrado do intangivel homem publico Padre Faustino Consoni.

E' um acontecimento que ha de ficar gravado em letras de ouro na historia da algarçaria de rações de igreja e de tochoeiros, de procissões de ha muito agarrada a governança desta terra.

A escolha do candidato ao posto presidencial recai sempre sob a pessoa mais distinguida entre as personalidades da situação politica.

Destá vez é o padre Faustino que está neste caso. Nenhuma pessoa reúne, nas altas esferas governativas, tantos predicatos como esse consagrado situacionista.

Uma agrupação politica, ou coisa semelhante, que dispensa todas as regalias á fradaldada expulsa de outros paizes e subvenciona igrejas, congregações e collegios onde se commettem crimes contra a infancia, um ajuntamento de autoridades que protege criminosos sómente porque elles vestem batina não poderia ter um chefe mais digno de sua reputação do que o martyr e virgem padre Faustino Consoni.

E' por isso que no proximo dia 1.º esse crapula será consagrado presidente dos directores da governança.

Não o querem ver no banco dos réus? Pois te-lo-ão como seu chefe.

## O entusiasmo reinante

Apesar dos festejos carnavalescos, o entusiasmo pela candidatura continúa sempre em augmento de uma maneira espantosa.

Os boletins de propaganda do nome do mais honrado dos candidatos e as cedulas com o seu purificador nome continuam a ser distribuidos profusamente por todos os recantos do Estado.

Ainda esta semana tivemos occasião de receber algumas dellas. Em S. Paulo grudaram por todas as paredes esta cedula: «Para presidente: Padre Faustino Consoni, martyr e virgem».

## A votação nas urnas

Como se deverá votar no agitado pleito de sexta-feira proxima? o que é necessario fazer? Consultas como estas temos recebido ás centenas e, em vista do incalculavel trabalho que temos tido com os trabalhos electoraes, criminosamente descurados pelo comité central, tão pouco animados do momentoso civismo, não nos foi possível responder directamente a todas as commissões, grupos e pessoas que nos escreveram.

Esta nota virá sanar essa falta, pois a todos dará as necessarias instrucções.

Entretanto, não podemos deixar de aproveitar a occasião para patentear a falta de civismo que por ahí impera, numa terrivel devastação de caracteres.

Bem se vê que tudo era feito pelos caciques politicos, com o completo desconhecimento dos cidadãos livres desta livre republica. Elles fabricavam os titulos, faziam a votação como muito bem entendiam e apuravam os votos que lhes convinham.

Esses attentados ao mais legitimo direito dos cidadãos não serão mais verificados. Ao sagrado padre Faustino deve a politica tambem essa reabilitação civica.

Elle restaurará a verdade eleitoral. Mas vamos ao que agora mais nos importa.

A votação, como já temos dito, afóra a fraude vergonhosa, deverá seguir as mesmas normas de todas as eleições.

Cada eleitor fecha a sua cedula num envelope, que deverá ter escripto: «Para presidente». A cedula deverá ser exactamente igual em tamanho e em dizeres á que publicamos em nossa terceira pagina. Poderá ser impressa, ou escripta á mão em papel pautado. No verso não poderá levar nada.

Quanto á fiscalização é simples: cada des eleitor poderá nomear um fiscal.

A nossa fiscalização terá de ser feita com todo o rigor. Não

deveremos permittir que se escamoteie um só voto dado ao nosso santo, puro e martyr candidato.

Lembrem-se todos do quanto soffriam as nossos governantes, a começar do marcial Sul Americano Piedade até ao herculeo Pinheirinho Beigama, se não conseguissemos eleger para seu chefe a casta personalidade de S. Faustino.

## O resultado do pleito

E' preciso que por toda a parte se proclame a nossa força electoral, a nossa potencia politica, e para que isso seja conseguido, os nossos amigos não devem descurar a propaganda em favor do nosso candidato, agora, e a divulgação do resultado do pleito, depois d'elle realizado.

As commissões, comités ou pessoas individualmente devem se esforçar para que a votação em favor do nosso honrado e virgem candidato seja annunciado nos jornaes locais.

O numero de votos obtidos, assim como a noticia de tudo o que houver sobre o nobre pleito, deve ser immediatamente comunicado a esta redacção para que, em caso de fraudes e violencias, termos os necessarios documentos para justificar a inevitavel intervenção do exercito vaticanesco, de que é commandante em chefe o coronel José Brasil Paulista Sul Americano Piedade.

## O plebiscito

O plebiscito por nós promovido em todo o Brasil para a eleição do padre Faustino á presidencia dos seus protectores, vai de vento em popa. A votação é já colossal. Calculamos que trabalharia não estará tendo o nosso pobre Faustino, o incansavel amigo da infancia.

No proximo numero publicaremos novamente a cedula para ser enviada ao santo do Ypiranga.

## Adherindo á candidatura

\*Amigo E. Leuenroth e mais leaes companheiros da *Lanterna*:

Cordeis saudações e sinceros parabens pela iniciativa do grande plebiscito em favor da candidatura do celebre padre Faustino.

Como pedem, junto a esta, na qualidade de fraco, porém certo companheiro, a minha modesta cedula.

Abaixo o clericalismo!  
S. Manuel, 20 - 2 - 1912 - Leonidas Schimming.\*

\*Sr. Edgard Leuenroth:

Remetto-vos a minha cedula para o celebre candidato (esse bandido do padre Faustino) participando-lhe com muito pesar que não posso ir á urna levar o meu voto, porque não sou eleitor.

S. Vicente, 10 - 2 - 1912. - J. Cardoso.\*

\*Amigos da *Lanterna*:

Aprovando a vossa lembrança, ahí vai o meu voto para que o padre Faustino seja presidente do Estado.

Na verdade entre o reverendo e o conselheiro só ha a diferença de um vestir batina e o outro casaca. Ambos são caciques do Vaticano. Chicote nelles é o que é preciso. Santos, 16 - 2 - 1912. - Augusto Gonçalves.\*

\*Edgard:

Eis o que enviei ao nosso augusto candidato, juntamente com o meu ardoroso voto:

\*Padre Consoni: A sciencia, a moral, a verdade e a razão reclamam a tua extinção do meio social.

A Justiça reclama-te em altos brados de indignação, mas os senhores que a dirigem, amordaçam-na, como protectores que são dos crimes, que vós todos, os falsos ministros de Deus e representantes de um Christo, que só proclamava o amor, a paz e a igualdade entre os povos irmãos, implantados na terra, seguindo o thema da vossa religião: — Fogueira, estupro, ignorância, embrutecimento, hypocrisia, desonestidade, impiedade, e sangue!

Essa intell. criancinha que tu assistante, alma de féra, e tuje crime o Tribunal reconheceu agora, é mais um pingo rubro que tinge as negras paginas da vossa horrivel historia.

Discipulo de Loyola, Torquemada e Domingos de Gusmão, a tua hora é chegada! O paraizo em que vives dentro em pouco se transformará num inferno em vida, se não responderes aos corações nobres: Onde está Idalina?

Acceita o voto sincero do — Santos Barbosa — Rio.

\*Amigo Edgard:

Não podia ser melhor a vossa escolha do candidato á presidencia do Estado. O padre Consoni merece esse posto. Depois de tanta protecção que a policia de S. Paulo lhe dispensou é justo que agora elle seja o seu chefe.

Villa Raffard, 18 - 2 - 912. — Paulo Pellegrini.\*

Sr. redactor da *Lanterna*:

Nesta data mando a minha cedula ao grande e illustre candidato padre Faustino Consoni, homem de juizo e consciencia que saberá governar e levar sua missão como no Orfanato.

Advirto-lhe, entretanto, que é a primeira vez que em minha vida me faço eleitor, pois sempre fui contrario a essa farça.

Onde está Idalina?  
Rio, 12 - 2 - 912. — Antonio Grimenez Dias.\*

Sr. director da *Lanterna*:

Tenho quarenta e tres annos de idade e posso assegurar-lhe que nunca fui a nenhum collegio eleitoral para prestar o meu concurso a uma eleição, porque meu modo de ser sempre foi refratario a tudo quanto se relacione com a politica.

Porém, não obstante, como me preso de ter a consciencia inclinada sempre para fazer o bem, não posso deixar de, considerando que ninguém pode ser infallivel, acatar a vossa iniciativa.

Pela primeira vez em minha vida me faço eleitor só por tratar-se da eleição de um homem (ou coisa semelhante) que não pode haver igual nos mundos existentes.

Attendendo ás instrucções do vosso jornal, a minha cedula foi remetida ao seu correspondente destino.

Saberá por casualidade onde está Idalina?  
Rio, 12 - 1 - 912. — Juan de los Santos y Rosa.\*

\*Sr. Edgard:

Tendes razão; o melhor presidente que poderá governar o S. Paulo clerical é o illustre roupeta Faustino Consoni, tendo por companheiro na vice-presidencia o não menos celebre Capelli.

Ribeirão Preto, 6 - 2 - 1912. A. Castiglione.\*

## A reacção na Argentina

Já por diversas vezes nos temos occupado na *Lanterna* da furia reaccionaria de que estão possuidos os governantes argentinos contra os que naquella terra se atrevem a proclamar com independencia as suas ideias.

O tyranno Rosas ainda governa a Argentina, onde sómente gosam de acatamento a clericalinha infame e toda uma chusma desavergonhada de exploradores do povo.

Os homens livres, os que propagam os ideaes alevantados são tratados com uma ferocidade maldita.

A historia da reacção argentina é tío negra como a da sanguinaria autocracia russa.

Ainda não ha muito foram assaltadas e incendiadas as redacções dos jornaes avançados, e uma livraria e as bibliothecas populares. Os propagandistas mais em destaque foram presos, expulsos para o estrangeiro ou deportados para a mortifera Terra do Fogo. Os jornaes de propaganda social não podem circular, as reuniões não são mais permittidas, tendo sido encerradas todas as associações que desagradam á policia vandálica.

Contra esta infamissima situação está sendo feita uma energica campanha por todas as facções avançadas d'aquelle paiz, assim como por diversos paizes da America e da Europa.

Tambem no Brazil repercutiu o sagrado brado de protesto dos nossos perseguidos companheiros da Russia da America.

Em Santos um grupo de homens livres decidiu levar a cabo uma agitação de protesto contra essa tyrannia.

Promovida por esse comité, já se realizou naquella cidade uma reunião de protesto no dia 23 do mez passado.

A concorrência a essa reunião foi bastante regular, falando os companheiros Luiz La Scala e Henrique Martins sobre a barbaria da canalha clericalissima que está infelicitando o povo argentino.



## DA PORTA DE EUROPA

A greve rural de Evora: suas origens e consequencias — Declara-se uma greve geral de protesto em Lisboa e outras localidades — Hesitações do governo, negociações e inqueritos — Um compromisso rompido — Cérco duma praça forte e rendição dos sitiados — Tratava-se duma conspiração monárquica: provas esmagadoras — As bombas — Uma instalação luxuosa de gente sem meios — Os monarchistas regozijam-se — Uma chuva de felicitações ao governo pela sua energia e serenidade — A attitude da imprensa: comovente exemplo de amor paterno — O parlamento dá carta branca.

LISBOA, 4 DE FEVEREIRO

O telégrafo já para aí terá levado a relação dos sucessos dos ultimos dias em Lisboa — e é bem provavel que os tenha convenientemente desnaturado.

Eis, em resumo, o caso. Num dos distritos do Alentejo, a região agrícola mais adiantada de Portugal, aquella onde predomina a grande propriedade e onde já penetraram as máquinhas, estalou uma greve rural motivada por uma ruptura do contracto celebrado entre lavradores e seus eventuais salarados, após as greves de junho último.

Essa pobre gente do campo passava então a ganhar diariamente, mediante um trabalho brutal, de que Fialho de Almeida nos deixou tão belos e suggestivos quadros, 400 reis durante cinco meses, de setembro a janeiro, 500 reis de fevereiro a abril e 700 reis de maio a agosto. Isto para os homens; porque as mulheres conquistavam naquella luta de pobres contra opulentos fazendeiros o salario de 200 reis por dia em qualquer mês do ano.

Ganhos pingues e convidativos, estes do distrito de Évora, se os compararmos com os das outras regiões agrícolas, com os do distrito estremenho de Santarém, por exemplo, onde, depois das greves, os homens passaram a ganhar dōze vintens e sete as mulheres, sempre que trabalhem!

Alguns jornais republicanos quiseram ver na greve de Évora um manejo monárquico de alguns proprietarios que a provocaram. Suponhamos que não: é mais razoavel pensar que os fazendeiros procuraram servir, por qualquer forma, os seus interesses economicos. Os politicantes imaginam que tudo gira no círculo da politica, no seu sentido mesquinho.

O caso é que os trabalhadores rurais, esses manifestaram claramente os seus sentimentos republicanos, arvorando bandeiras e até o busto da republica e cumprindo as formalidades do «dracónico» regulamento das greves: e o caso é que foi contra elles, não contra os fazendeiros, suspeitos de monarchismo provocador, que as autoridades democraticas exerceram as suas arbitrariedades, embora o chefe do distrito confessasse a um jornalista dar no seu fóro íntimo plena razão aos grevistas!

Que fizeram estes? Reuniram-se nas suas associações, concentraram-se na capital do distrito, em attitude pacifica e até passiva, reclamando o cumprimento do contracto. E que fizeram as autoridades? Encerraram as associações, prenderam os mais activos, mandaram a cavalaria expulsar e perseguir até longe da cidade alguns grupos, e por fim veio a tragédia, inevitavel quando se envia para o campo de greve uma consideravel força armada: um morto e varios feridos, um dos quais — ironia amarga! — se batera, vinte annos antes, pela Republica, na revolta de 31 de janeiro, cujo aniversario ia ser solene e oficialmente celebrado dentro de poucos dias...

Em vão republicanos historicos eborenses reclamaram a demissão do governador civil e o restabelecimento da legalidade violada; o governo cobriu o funcionario e o parlamento caiu como um só homem, não sobre a autoridade arbitrária e assassina, mas sobre... as victimas.

Naturalmente, em todos os meios industriaes, sobretudo no distrito de Lisboa, tudo isto provocou

efervescencia e indignação. Dizem agora que a greve de Lisboa foi coisa subrepticia e repentina, sabida primeiramente pelos monarchicos! E' falso. O signatario não frequenta os meios operarios, como não frequenta outros, vivendo solitario e bem pouco relacionado, e no entanto, dias antes da greve, ouviu dizer que o protesto se preparava, que o aclamavam assembleias entusiasticas, mais ainda do que os chamados «chefes», e que lavrava a irritação entre os elementos operarios mais conscientes dos seus interesses e dignidade de classe, mais imbuídos e compenetrados do sentimento de solidariedade.

Que querem os republicanos? Que os trabalhadores, por amor á Republica, deixem que ela os fuzile, sem protesto?

Em 24 deram-se os sucessos sangrentos de Evora: no dia 29, após visitas ao governo, era o trabalho quasi completamente paralisado em Lisboa e arredores, bem como em algumas localidades do distrito, com repercussão em outros pontos do paiz. Eis as reivindicações: reabertura das associações em Evora, libertação dos presos e demissão do governador civil.

A principio o governo pareceu resolvido a ceder. Foi conferenciado com elle uma comissão de empregados ferroviarios, que oferecia uma especie de mediação. O governo disse que mandaria abrir as associações e promover a soltura dos presos sob fiança, fazendo activar a investigação judicial. Mas não podia demittir o governador do distrito sem que fosse comprovado não ser exacto o relatório do seu enviado especial, que justificava os actos daquelle autoridade.

Objectaram-lhe que os operarios possuíam informações e testemunhos insuspeitos em contrário; e o governo acabou por concordar na ida a Évora de uma comissão operária, composta de dois delegados grevistas e dois ferroviarios. O relatório desta comissão poderia ser publicado pelos grevistas, para confronto com o do enviado official, — o governo seria o árbitro entre os dois documentos!

A comissão partiu na manhã de 30, ficando os grevistas a espera-la para resolver. Mas nesse mesmo dia, o governo decidiu outra coisa. Consultou a autoridade militar, e esta opinou pela suspensão de garantias e pelo regime marcial — nada menos. Assim se fez, mesmo sem prévia consulta do parlamento, formalidade aliás de pouca monta e garantia de pouca segurança. Nessa noite era a União dos Sindicatos — instalada no velho palacio do marquês de Pombal — cercada por tropas de todas as armas, voluntarios inclusivê, como se fosse uma terrivel praça forte. Havia ali dentro algumas centenas de operarios — 580, diz uma nota officiosa — incluindo mulheres e crianças, aguardando o regresso dos delegados, esperando decisões, e foram esses grevistas que a tropa levou, entre baionetas, para bordo de navios de guerra, depois de ter sido detida, á sua chegada, a comissão enviada a Évora!

Os motivos deste procedimento? Que o movimento ia tomando um caracter insurreccional e que era fomentado pelo dinheiro e agentes dos monarchicos! Sobre a violencia — o enxovalho. Desde o principio começara a correr esse boato, que corre sempre estupidamente quando ha greves. Monomania de politicantes — e manejo do governo, já experimentado em França com êxito. Seria candura pedir aos governos que se sirvam de armas leaes e honestas.

Momentos antes do círculo e prisão das commissões grevistas, um dos seus membros declarou a um repórter: «Esperamos confiados na justiça da nossa causa. O nosso movimento é honesto e não se filia nos fins inconfessaveis que por aí se propalam. E' puro e simplesmente uma questão de trabalho, uma questão de operarios».

Que os grevistas usaram bombas. Não sei quanta fantasia haverá a esse respeito, nem que especie de gente as manejou. O caso é que os danos foram bem poucos. Lançaram uma contra um eléctrico (digamos à brasileira: um bonde), para impedir a circulação. Houve mais duas ou três, que só fizeram ruido. As outras não foram empregadas: serviam para intimidar e ameaçar os traidores e fura-greves. Bem mais se faz noutros paizes — nas ultimas grandes greves inglesas, por exemplo — e não se julga tão trágica e insurreccional a situação. Demais, não fica bem aos republicanos falarem de bombas: são talvez um resto das que sobreram dos seus tempos de conspiração...

Que a União dos Sindicatos tinha uma instalação «luxuosa». Visitei-a uma vez. A casa é ampla e excelente, mas os móveis eram os que as associações já possuíam antes, bem modestos. Quanto à renda mensal — observa cheio de bom senso o *Intransigente* — está ali num cartorio de notario o contracto de arrendamento: 75\$000 reis, pagos por perto de 40 sindicatos! Simples questão de união, que os politicantes talvez não compreendam, como não percebem que se gaste pouco para grandes resultados, eles que para nada gastam tanto!

Alegram-se os monarchicos? Fizeram mal, simplesmente. Nada podiam esperar nem dos grevistas, que absolutamente os repudiavam, nem do governo, ainda mais atento e armado na circumspectancia. Se entre os grevistas se introduziram agentes provocadores e malucos — como antes entre os republicanos, como em todos os partidos e movimentos — que podiam eles fazer... senão dar ao governo um pretexto de facil repressão? Ou foram eles que fuzilaram os camponeses de Evora para irritar os operarios?...

A manobra, em todo caso, surtiu o desejado efeito. Todos calaram geralmente no laço-da-tentativa rialista inventada. Vieram felicitações. Estava mais uma vez salva a republica. Ha até operarios que assinam protestos colectivos contra a greve — esquecidos, os miseros, daquelle rudimentar delicadeza de alma que lhes ordena, pelo menos, o silencio nesta circumspectancia. Perdoai-lhes, Senhor!...

E a imprensa? Ah! se fosse no tempo da opposição! Agora a imprensa republicana é de governo. Um ou outro jornal menos partidario arrisca uma nota imparcial; e o *Intransigente* delende resolutamente o bom senso e a verdade: é seu director Machado Santos, que tendo fundado a Republica, tenta agora salvar-la duma vergonha. Bom pai!...

Demais, há a censura prévia dos jornais exercida pelo governo militar: alguns teem saído com espaços em branco. Salvo raras vozes de protesto, o parlamento concedeu submissamente o estado de sitio e o governo militar, por trinta dias em Lisboa, e decretou o julgamento sumário dos «rebeldes» por tribunais de guerra! Decreto este que, segundo consta, o presidente hesitou em assinar, fazendo-o unicamente porque, não dispondo do direito de veto, iria com a sua renúncia á suprema magistratura agravar ainda a situação. Que firmava «constrangido»...

Em vez de diminuir a importancia dos sucessos — o governo é que os agrava. Duma greve faz uma contra-revolução e persegue operarios de ideias avançadas, homens de iniciativa que constituem o fermento da massa proletaria, como retrógrados. E' o cúmulo da desorientação. O erro será visto em breve?

Neno Vasco

Entre marido e mulher: — Já sabes: não consinto que o nosso pequeno seja baptizado. Quando elle for de maior idade e estiver no pleno uso da sua razão, poderá então decidir entrar no gremio da igreja...

— Jesus! E entretanto elle ha de ficar sem alma?!

— Sem alma? Como assim?

— Decerto! Tu não sabes que quem não é baptizado é como um bicho, não tem alma?!

— Que puchincha! Mas nesse caso, bem tolo será se um dia se baptizar! Não tendo alma, está livre do inferno!

Secção amena

Entre marido e mulher: — Já sabes: não consinto que o nosso pequeno seja baptizado. Quando elle for de maior idade e estiver no pleno uso da sua razão, poderá então decidir entrar no gremio da igreja...

— Jesus! E entretanto elle ha de ficar sem alma?!

— Sem alma? Como assim?

— Decerto! Tu não sabes que quem não é baptizado é como um bicho, não tem alma?!

— Que puchincha! Mas nesse caso, bem tolo será se um dia se baptizar! Não tendo alma, está livre do inferno!

### O PATRIARCA DE LISBOA E CASTIGADO

FALA-SE NA REBELLIÃO DO PRELADO — QUEM É D. ANTONIO MENDES BELLO — QUEM É O MINISTRO DA JUSTIÇA — QUE VAI SUCCEDER ?!

O patriarca de Lisboa, d. Antonio Mendes Bello, da sua residência de S. Vicente de Fóra, respondeu ao decreto relativo á organização das cultuaes — a administração civil do culto — com uma pastoral recommendando ao clero da diocese que não a accettesse.

Já os priores da Lapa, Santa Isabel e Belém se tinham conformado com as corporações encarregadas do culto, outras se lhe iam seguir quando o velho prelado tomou a sua resolução e o ministro da justiça deliberou castigá-lo, bem como ao bispo da Guarda, accusado do mesmo delicto, com a pena de dois annos de expulsão dos districtos de Lisboa e Castello Branco, onde residiam.

Emquanto se instaurava o processo o patriarca escrevia a sua defesa quasi tão violenta como o relatório que precede o decreto ministerial e da qual as palavras nada têm de humildade, antes retumbam numa grande altivez: «No preenchimento da minha missão — diz o chefe da igreja portuguesa — sacrificarei tudo, comodidade, repouso, socego, tudo, menos o acatamento devido aos dictames da consciencia e a veneração a que têm direito as verdades da religião catholica, assim como as tradições e legitimos interesses da nossa querida patria. Não temo as perseguições, não me desalenta a perspectiva dos dissabores, injustiças, privações e pobreza.»

E' esta a mais fraca parte desse documento com que o patriarca evoca sem querer as velhas lutas da igreja contra o poder civil das épocas do constitucionalismo e a revolta dos principes da religião contra os reis.

Desta vez estão frente á frente o mais alto dignatario da Igreja e o ministro da justiça da Republica como dois adversarios buscando levar a melhor.

Um é um velho; o outro é um moço; o patriarca serve a cincoenta annos na religião, o ministro serve a cincoenta dias á Republica; um é um soldado da fé; o outro pretende ser um soldado da democracia.

A luta é curiosa, não porque os personagens sejam athletas, mas porque na sua retaguarda avultam as hostes da reacção e as da liberdade.

O patriarca de Lisboa tem perto de setenta annos, é um homem alto, ossudo, majestoso; tem a envergadura rija de um beirão, e, apesar da idade, em letras se avanta á maioria dos prelados portugueses. Teve sempre um papel de destaque na Igreja; professor de um seminario em Evora, depois bispo do Algarve, foi nomeado chefe do clero lusitano, quando o velho cardeal D. José III resignou ao tempo da dictadura franquista. Ao padre franciscano quasi fanático seguiu-se o padre secular cioso, como se vê, das prerogativas da Igreja. Durante annos, apparecendo nas ceremonias com as suas vestes, isentando-se da politica, mesmo nos momentos tragicos do regicídio, assistindo á implantação da Republica sem um gesto, á expressão dos jesuitas, ao desmanchar das congregações pouco se esperava delle.

O clero, como já lhes disse, não tem em Portugal uma belleza romantica e mesmo a esse prelado, que neste momento se levanta contra as determinações civis, parecem falhar os moldes para uma attitude decisiva. A Igreja vai, entre nós, a caminho de uma inevitavel bancarrota.

O ministro da justiça, dr. Antonio Macieira, é um homem de trinta e tantos annos. Antes da Republica affirmara-se apenas como um liberal. A sua voz não se serviu na propaganda do novo regimen, sua accção não se notou nem mesmo no tempo de João Franco. De quando em quando apparecia numa ou noutra audiência de mais êco politico, mas sempre sem o alarde jacobino, como um homem que tem a esperar um futuro sem se comprometter. Filho e neto de abastados commerciantes, a sua fortuna

permittia-lhe esperar. Chegou a Republica e elle foi um dos primeiros que adheriram, ligando-se ao seu grande amigo Affonso Costa. Entrou no grupo radical, seguiu attentamente as lições do amigo ministro da justiça do governo provisório e quando deste partiu a ideia de premiar com aquella pasta a sua athesão esperava-se que em tudo o seguisse na defesa das novas leis. Assim foi. E como se o dr. Affonso Costa estivesse ainda no poder, velando pela sua obra que ha de dar a Portugal uma situação já-mais vista dentro da politica universal: a de um povo sem a menor tendencia religiosa.

O dr. Antonio Macieira é, pois, um continuador. Arremeçou o seu decreto e esperou. O velho patriarca respondeu-lhe. Então, pelas salas da residencia episcopal reuniram-se os párochos de Lisboa acorrendo a um apello do seu prelado, mas sobretudo notou-se que as familias monarchicas — mesmo as que antigamente praticavam por luxo — appareceram a saudar o patriarca que se rebellava contra o governo.

Voltaram de S. Vicente entusiasmados; faziam gala em dizer que lá tinham estado e no fundo de tudo isso mais se sentia o protesto contra o regimen do que propriamente a sua fé manifestava.

Correu, então, em Lisboa — e á hora em que escrevo ainda o boato corre — de que d. Antonio Mendes Bello não deixará o seu palacio episcopal, no prazo de cinco dias, que o ministro lhe concedeu, sem que a isso o violentem.

Será o gesto romantico, feito para ferir as imaginações, o desse prelado, descendo, entre alas de tropa, as escadarias da residencia, vestido com a sua samarra, passando, de cabeça erguida, como um desafio platónico da Igreja ao poder constituido. Sim, bem platónico será semelhante desafio.

Lisboa, a Lisboa revolucionaria, que domina a parte tunida que protesta, não dará a esse prelado altivo a menor prova de distincção.

Ainda não ha muito tempo, que outro prelado, o do Porto, apesar da sua tradição de combatente d'Africa, de servidor das missões, passou, num automovel, por essas ruas, por entre o clamor enfurecido do povo.

Viu-o eu passar. Vestido de roxo, o chapéo de castor, com borlas de ouro, na sua cabeça de missionario; as barbas brancas occultando o cordão do seu peitoral, baixo, reforçado, entre o chefe do ministerio da Justiça e um padre do seu sequito, viu em roda do automovel, que corria ligeiramente, á turba clamorosa a ameaça-lo.

Ningum se ergueu a defende-lo, e, sem a protecção do ministro de justiça de então, sem a sua estada no quartel general, aguardando o comboio, que o devia levar para o seu voluntario exilio de Gernache, não sei o que lhe teria succedido.

O facto deu-se. O clero ficou quieto. Não se alterou a paz. Continuou o aldeão a cavar a sua terra, o operario a laborar na sua officina, o soldado a fazer o seu serviço.

Este povo parece soffrer muito ainda a ancestral pressão dos inquisidores. Não ama o padre, como o padre não ama a sua fé. Mesmo nessa diocese da Guarda, á beira da serra da Estrella, onde a população é ignorante e se podia esperar um levantamento a favor do prelado rebelde, mesmo na Covilhã, que os jesuitas minaram, converteram e onde organizaram verdadeiras tendas, nenhum movimento, até esta hora, se deu.

Trabalham as fabricas de lanifícios, apascentam os pegueiros os gados. Tudo em paz, tudo em calma, na mesma eterna indifferença.

Por isso, creio que o patriarca não fará esse gesto, que lhe custaria ser conduzido entre baionetas, no meio do apagamento do seu clero e por entre as chufas do povo. Elle de coisa alguma serviria, a mesma indifferença, esta quasi lethargia para as coisas da Igreja, e receberia. Seria um inutil esgrimir.

Acredito pois, que, em vez da revolta, de attitude brava do prelado, entre os seus padres, descendo as escadarias de S. Vicente, esperando o martyrio, apenas veremos sua excellencia reverendissima fazer as suas malas,

dar a sua bençã a alguns fiéis e ir tranquillamente para um ermo meditar neste phenomeno singular: o de um povo que não se move pela Igreja nas aldeias, o de uma multidão que detesta a igreja nas cidades.

E' o fim do mundo! dirá o prelado.

E' o começo de uma era nova! dirá o ministro da justiça.

Rocha Martins.



### Lanterna Magica

Uma das muitas

Mais uma seita. O ultimo recenseamento das Indias Inglesas deu a conhecer uma seita bastante numerosa, a dos *juvils*. O seu preceito característico é um jejum rigoroso durante oito ou nove mezes por anno, por periodos de seis a sete semanas. Os *juvils* submettem-se com muita coragem a esta ordem religiosa, e quando não jejuam são estritamente vegetarianos. São em numero de 1.416.638 e acham-se sobretudo no Bengala, nas provincias de Guizerat e do Radjputana. Como lugar sagrado, tem especialmente a montanha Parvenas, aonde vão aos milhares na primavera, para adorar os deuses e começar o grande jejum.

Os medicos deveriam aconselhar o alistamento nesta seita a alguns gordos bonzos catholicos; mas estes prefeririam que se inscrevessem nella os operarios, afim de comerem menos, pedirem menor salario e darem assim mais proveito ao patrão...

### Provas da separação

Os grandes rotativos deram a seguinte noticia:

«Ao revmo. sr. arcebispo metropolitano foram entregues hontem pelo dr. Luis Arthur Varella, procurador do Estado, 200.000\$ correspondentes á primeira prestação da quantia concedida pelo Congresso Legislativo, afim de auxiliar a construcção da futura cathedra.»

Agora diga-se que a Igreja não está separada do Estado...

### Bom padre

CURITYBA, 25 — No nucleo de Ivahy, o padre Bonny instigou os colonos contra o de nome Sakolowski, sob o pretexto de que o mesmo era bigamo.

Se não fosse a intervenção immediata do director do nucleo o colono Sakolowski seria lynchado pelos seus companheiros. O padre evadiu-se.

E ainda ha quem ouse dizer que os padres não são creaturas encarregadas de fazer o bem por este mundo afora.

Os fanatizados colonos esqueceram-se, entretanto, de indagar quantas mulheres tem o tal padre.

### E viva...

O nosso collega *Correio da Noite*, do Rio, publicou a seguinte nota:

«O juiz Manoel Aquino e Castro, julgou ha dias, improcedente a accção movida pela Fazenda Publica, para haver bens vacantes da ordem franciscana existentes no Estado de S. Paulo.»

A sentença tem a data de 17 de janeiro de 1912 e foi vulgarizada nos diários desta capital.

Pois bem, no dia 20 do mesmo mez o *Journal do Commercio* publicava a seguinte noticia:

«O sr. dr. Manoel Dias de Aquino e Castro, juiz seccional em S. Paulo, acaba de ser distinguido por um breve de sua Santidade o Papa Pio X, datado de 16 de dezembro proximo passado, com o grão de comendador da ordem civil de S. Gregorio Magno.»

Está claro que a decisão foi inspirada nas graças do breve papalino *Ad majorem dei gloriam et minorum justitiam*.

E viva o Clericalismo!

Viva! sim, caro collega. E é por isso que nós havemos de eleger o santo padre Faustino para presidente do Estado.

### "Francisco Ferrer"

Já temos á venda os ns. 15 e 17 desta bella revista de propaganda do ensino racionalista, publicada em Buenos Aires.

O n. 15 traz os discursos pronunciados por occasião da inauguração do monumento a Ferrer em Bruxelas e o n. 17 é dedicado ao celebre naturalista Darwin. Custa 300 réis o exemplar.

### A HISTORICIDADE DE JESUS

Com este titulo, publica G. B., em *La Libre Pensée Internationale*, de Lausanne, no seu numero de 13 de janeiro, o seguinte: «Ha alguns annos que quasi todos os historiadores livres-pensadores estão de accordo, se não para negar a existencia de Jesus, ao menos para affirmar que a vida contada pelos quatro evangelhos (unicos documentos pseudo-historicos sobre a vida do judeu a quem se attribue á fundação do christianismo) não passa duma compilação de lendas tiradas do Oriente, sobretudo da vida de Horus, de Chishna e do Buddha Çakya Muni.

«Qual não é pois o nosso espanto encontrando no jornal em portuguez *A Lanterna* (folha anticlerical e de combate, como elle se proclama), um longo artigo em que oppõe o Christo aos padres catholicos, como se houvesse um jota de verdade nas historias de fazer dormir em pé contadas a respeito do filho de Maria. Esse artigo começa assim:

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Os padres nascem pobres e morrem ricos.

Christo disse que todos os homens são filhos iguaes de um só Deus; os padres dizem que alguns homens têm o direito de ser senhores, e outros de ser escravos.

Christo queria atrás de si o que não tinha dinheiro; e os padres dispensam tal companhia.

Christo instrua os ignorantes; os padres desejam a ignorancia.

Christo amava as crianças para as educar; os padres acariolam-nas para as corromper. Etc.

Christo andava descalço; os padres usam botinas de pelica á ultima moda. Etc.

«Esta serie de antitheses continúa por muito tempo. Não nego que o escopo do autor seja bom, — quiz pregar o altruismo, talvez até o socialismo, — mas é necessario para isso basear-se numa lenda inepta para pregar a verdade? Onde viu o autor que Jesus ensinava? Não affirma a propria Biblia que elle não sabia ler? Onde é que o vêem ler? Quando elle diz, sempre segundo os evangelhos: «Deixai vir a mim os pequeninos», é para lhes dar lições, para lhes ensinar as sciencias e as artes? A propria Biblia apenas lhe põe na bocca noções mais ou menos moraes.

«Deixemos pois esta lenda pelo que ella vale. Procuremos antes abalar a fé nessa historia, que fez um mal incalculavel á humanidade.»

«Procurando demonstrar que o pseudo-filho dum pombo nunca existiu, mimamos o christianismo, cuja influencia foi nefasta desde o começo.»

G. B. refere-se ao pequeno artigo que, sob a epigrapha *Christo e os padres* e firmado por Angel A. Monchietti, publicámos em nosso n. 101 (26 de agosto ultimo). Foi nos mandado de longe por um amigo, atheu convicto, que o traduziu duma folha anticlerical de Buenos Aires, e não é longo, occupando exactamente meia columna e sendo o trecho acima reproduzido justamente um terço.

Surprehende-nos — e de certo modo nos lisonjeia — que o nosso amavel censor tenha preferido a *Lanterna* para objecto daquella critica, quando todos outros jornaes anticlericales, superiores ao nosso, lhe poderiam offerecer o mesmo alvo. O artigozinho criticado é precisamente traduzido de um delles; e, por exemplo, *L'Asino* não cessa de mostrar, em escriptos e caricaturas, o *fransante, suggestivo e palpavel* contraste entre os ensinamentos theoreticos da Igreja e as praticas dos seus membros, entre as doutrinas e mandamentos do Christo dos evangelhos e os costumes dos que delle se dizem representantes e apostolos.

A *Lanterna*, como esses jornaes, trata frequentemente das origens da lenda christã e procura vulgarizar, o mais claramente possivel, os estudos e investigações sobre os mythos solares: consulte-se a nossa collecção. E coincidência graciosa: em nosso numero 125 traduzimos da mesma *Libre Pensée* um artigo de G. Brocher (G. B., não é verdade?) sobre o assumpto... Nem de proposito!

Mas se nos agradam muito esses estudos, que achamos muito uteis, sobretudo para os «intellectuosos» e para os operarios estudiosos, pretendemos attingir o maior numero de mentalidades e os mais diversos graus de cultura com todas as especies de argumentos, não desdenhando as razões e factos simples, verificaveis, comprehensiveis. Ao lado

### Para Presidente do Estado

PADRE FAUSTINO CONSONI, director do Orphanato Sinistro, residente em S. Paulo.

das questões historicas e philosophicas, ha a propaganda pratica e elementar que consiste em mostrar o desacordo entre o evangelho apregoado e os actos praticados, em desfazer a lenda do prestigio sacerdotal, mostrando que os padres não são pastores nem apostolos, mas profissionaes, muitas vezes ávidos e devassos. Para encarrear a Revolução Francesa contra a realza não teriam bastado os *Encyclopedistas*, lidos por uma pequena minoria intellectual; foram necessarios os pamphletos innumerados contra a vida perdularia e infame da cõrte.

3.º Esses agrupamentos, como as cultuaes que se organizem, tem que reservar para beneficencia e assistencia a pequena parte que a lei estabelece, quer dizer, um terço pelo menos do que receberem para fins cultuaes, ou um sexto se tiverem de prover ao sustento e habitação do ministro do culto.

4.º Tanto as corporações que se constituírem para se encarregarem do culto, como as que já existam e delle se encarregaram, e tambem as misericordias, confrarias, irmandades, ordens terceiras, etc., que do mesmo culto parochial se não quizeram encarregar, tem toda a livre administração e applicação dos seus rendimentos, sejam estes consignados ao culto, sejam destinados á assistencia e beneficencia.

5.º Os actos de assistencia e beneficencia serão, portanto, praticados directamente por essas corporações; e assim ellas podem socorrer os pobres, os doentes, exercer a caridade, auxiliar os desprotegidos e as crianças pobres das escolas.

6.º E, portanto, evidente que a lei da separação não prohibe o culto nem ataca as religiões; e evidente é tambem que o Estado não quer, como «l'a de má fé se tem dito, tomar conta dos bens ou rendimentos das mencionadas corporações, que se harmonizem com a lei de separação.

7.º Ainda quando até 31 de dezembro de 1912 se não organizem cultuaes em algumas freguesias, ou as irmandades, nellas existentes, não quizeram encarregar-se do culto parochial, nem por isso o Estado fechará as suas igrejas onde estejam, por direito ou uso antigo, erectas irmandades e confrarias, as quaes poderão continuar a exercer o seu culto por intermedio dos seus ministros privativos.

8.º Se as igrejas forem abandonadas pelos párochos ou estes não quizerem cumprir os seus deveres para com os fiéis que lh'os reclamam, a culpa é somente dos ministros da religião pois a Republica em nada occorre para isso, antes faculto por todas as fórmas a maior liberdade de consciencia e de culto.

O que fica exposto resulta claramente da lei, e affirmar o contrario só revela o proposito de atacar, sem justa causa, a Republica e suas leis.

Lisboa, 6 de janeiro de 1912. — O ministro da justiça, Antonio Custodio Macieira Junior.

### DIVERSÕES

THEATRO COLOMBO — As sessões cinematographicas deste theatro têm sido muito concorridas, o que se attribue aos bellos e empolgantes, films ali apresentados.

Para hoje está annunciado excellentissimo programma. Amanhã haverá matinee com novas fitas.

THEATRO CASINO — Estiveram maravilhosamente animadas as festas que em louvor de deus Momo, o deus da folia e da loucura, adorado pelos crentes e pelos atheus, realizaram-se neste theatro tío apreciado pelo nosso publico. Os devotos de Momo penitenciarão a valer no Casino, o templo da alegria e da folgança, onde, não resta duvida, o deus da zombaria, que a poetica mythologia fe; filho do Somno e da Noite, estabeleceu o seu throno nos tres dias que o tempo pagão, consagra ao seu culto. Momo feliz, Momo adoravel, dos hericos deuses mythologicos, derruidos e extintos, foste tu o unico que conseguiste chegar até nós, sem nome deturpado e sem culto diverso!

— Nos espectaculos de hoje e amanhã serão apresentados bons numeroes.

THEATRO VARIADADES — Os espectaculos levados durante a semana pela Companhia Nacional de Operas estiveram bastante concorridos, conseguindo os seus artistas fartos applausos.

Está annunciado para breve a interessante comedia *O Guarda da Alfandega*.

Para hoje estão organizadas duas interessantes sessões e amanhã haverá matinee e espectáculo á noite.

CINEMA CONGRESSO — Este cinema da praça dr. João Mendes e pertencente á empresa Carlos Murano & Comp. é unico, no districto da Liberdade, que exhibe em primeiro logar as novidades do *Bijou Theatre*. Possui uma excellente orchestra e o seu salão de exhibições foi ultimamente bastante melhorado, ficando mais confortavel e arejado, mais em condições portanto, de agradar os seus numerosos frequentadores. Os ingressos neste cinema, por sessão, custam apenas 300 réis para os adultos e 200 réis para as crianças. Todos os domingos ha matinee com distribuição de bombons ás creanças.

JOCKEY CLUB — Amanhã, á hora do costume, no prado da Mooca, haverá mais uma corrida, disputando-se bem organizados pareos.

### EM PORTUGAL

#### Um edital do ministro da justiça

Foi mandado affixar por todo o pais o seguinte importante documento:

No interesse do publico, pelo Ministerio da Justiça e em nome do governo da Republica Portuguesa.

Considerando que á lei de separação tem sido attribuidos intuitos que ella não teve em vista, nem resultam das suas disposições que são claras e precisas;

Considerando que só inimigos das instituições e que desejem perturbar a ordem e o progresso da Republica podem ter interesse em enganar o povo, ensinando-lhes doutrinas contrarias á consignada nessa lei que o emandipon da oppressão politico-religiosa, garantindo-lhe a mais completa liberdade de consciencia e pratica de culto;

O ministro da Justiça, ouvindo a commissão central de exeção da lei de separação, faz saber o seguinte:

1.º Para o effeito da concessão gratuita das igrejas, moveis e alfaias destinadas ao culto catholico, as cultuaes (corporações encarregadas do culto) podem organizar-se até 31 de dezembro de 1912.

2.º Enquanto se cultuaes se não organizarem para aquelles effeitos, o culto póde continuar a exercer-se pela mesma fórma por que o tem sido até hoje, por intermedio de agrupamentos cultuaes transitorios.

### EM S. PAULO

Circulo de Estudos Sociaes Francisco Ferrer — Este circulo mudou a sua sede da rua Martin Burchard para a rua da Mooca, 134, onde tem a sua sala de leitura á disposição das pessoas que a queiram frequentar.

A todos os grupos editores pede elle que lhe remetam um exemplar de suas publicações de propaganda, ficando a seu cargo as despesas do correio.

G. de E. S. Conquista do Porvir — Este Circulo do bairro da Bella Vista já está com a sua escola de ensino primario funcionando com um regular numero de alumnos.

A sede do Circulo está installada na rua S. Domingos, 25.

### EM SANTOS

Agrupação Libertaria Renovadora — Com este titulo fundou-se em Santos um grupo que se dedicará a propaganda do ideal libertario.

### O "BREVIAIO"

Mais as seguintes pessoas subscrveram assignaturas e auxilios para o *Breviario*. (Lista e cargo de Manoel Antonio da Silva, Fabrica do Cedro, Minas):

Antonio de Siqueira, Christovam de Farias, Francisco Carlos Firmano Ribeiro, José Ramos de Oliveira, Ariado Ramos de Oliveira, Terçilio Ribeiro, Joaquim Temperany, Joaquim Baptista, Ovidio da Veiga Barbosa, José da Oliveira Campos, (Pitanguy); Pedro Campos Junior (Pitanguy); Annibal Masarenhas, Antonio Campello, Alberto Soares e Sebastião Vianna, 25 cada um.

Manoel A. da Silva, 108; Marcelino Martins da Costa, 108.

(Continua.)

LA BATAILLE SYNDICALISTE

Diário redigido por militantes da Confederação Geral do Trabalho 10, BOULEVARD MAUGENTA, PARIS - X

A LANTERNA

E' vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos: SALÃO DE BARBEIRO - Avenida Rangel Pestana, 140.

Medalhas de Ferrer

Recebemos da Europa e temos a venda uma boa quantidade de uma interessante medalha para corrente, tendo de um lado o retrato em alto relevo do grande martyr da educação racionalista e no reverso uma bella legenda.

Aos nossos assignantes

Afim de nos poupar um grande trabalho, pedimos aos nossos assignantes que transfiram de residência, nos communiquem a primitiva residência.

Catecismo atheu

Excelente folheto, contendo 32 paginas de propaganda antireligiosa, escripto em linguagem simples e em forma de dialogo, por Brito Bethencourt.

A Lanterna no Interior

A Lanterna, além de ser vendida a importância de sua assignatura. Recebemos em quasi o todo interior do Estado, é encontrada tambem a venda nas seguintes agencias:

A LANTERNA NO RIO

é encontrada a venda nos seguintes pontos: CAFÉ CRITERIUM, largo do Rio; Na rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy (engraxate).

El Motin

Este excellento periodico anticlerical de combate, dirigido pelo velho e valente combatente José Nakens e que se publica semanalmente em Madrid, com 16 paginas e magnificamente illustrado, está a venda á rua do Gazometro, 115, a 200 réis o exemplar.

Evangelho da Hora

que se destaca fortemente, pela sua originalidade, pela sua belleza litteraria, pela simplicidade do seu estilo, pela força dos seus argumentos, pela limpidez e poder convincente das suas imagens.

Ribeirão Preto

Na Livraria Selles á rua Amador B eno, 41 e 43, vende-se A Lanterna a 200 réis o numero avulso.

Fabrica de Fumos "Braz"

FUNDADA EM 1887 Escusado é dizer-se que esta é a unica fabrica que vende sem reserva de preços. Seus productos são conhecidos em todo o Estado

Bibliotheca del Apostolado de La Verdad

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registro do Correio: Primeira série, já publicada: La Lujuria del Clero, segun los concilios.

Engenho Stamato

Sem engrenagem para moagem de canna com salvaguarda para evitar desastre. Privilégiado e premiado com diversas medalhas de bronze, prata e ouro.

Novo postal

Um companheiro mandou vir e entregou-nos para serem vendidos em beneficio da Escola Moderna, algumas dezenas do bello postal Montjuich, reprodução do extraordinario quadro de Firmin Sagristá - Ultima visão.

BIBLIOTHECA DA "LANTERNA"

EM PORTUGUEZ M. Gorki, Os amastadores \$200 A de Pinho, Pelo Educação e pelo Trabalho \$200

EM HESPAÑHOL J. Rutgers, Las Guerras y la Densidad de la Población \$100 Ch. Drysdale, Dignidad, Libertad e Independencia \$100

EM ITALIANO Dottor Nicolò Conventi, Che cosa è il Socialismo \$100 Romanzo di una Donna, Angelo Longaretti \$1500

EM FRANCEZ Les Prisons, Pierre Kropotkine, \$300 L'Esprit de Rivolta \$200

Urban Gobier, Aus Femmes \$100 E. Malatesta, Entre Paysans \$300

M. Pierron, Travail et Surnage \$200 Directeur, Entrées d'un philosophe avec la maréchal \$100

Jean Grave, La Conquête des pouvoirs publics \$100 Jean Grave, Une des Formes nouvelles de l'Esprit politique \$100

Les temps Nouveaux, Contre la Guerre \$200 M. Pierron, Travail et Surnage \$200

Só podemos atender os pedidos que venham aconpanhados da respectiva importancia.

Desoclecyano Martyr - advogado criminal civil e militar. Rua da Alfandega n.º 134, sobrado - Rio de Janeiro - Brazil.

IDEAL

Esta magnifica allegoria de Firmino Sagristá, da qual os nossos leitores viram uma reprodução na primeira pagina do nosso numero especial de 13 de outubro, encontra-se á venda, magnificamente impressa em bom papel, na redacção da Guerra Social, Caixa postal, 1427, Rio.

Vida operaria

Associação dos sapateiros - Conforme noticiamos em nosso numero anterior, os artifices sapateiros estão agora tratando da reunião da classe numa sociedade destinada a patrocinarem os seus interesses economicos e moraes.

No domingo passado, pela manhã, realizou-se, no Salão Celso Garcia, uma nova assembleia para o prosseguimento dos trabalhos tendentes a esse fim.

A concorrência foi numerosa, notando-se grande animação pela iniciativa que já se acha em vias de execução.

Pelo nosso companheiro Edgard Leuenroth foi feita uma palestra sobre a necessidade da união dos trabalhadores e dos fins que devem animar as suas sociedades.

Após animada troca de ideias entre diversos dos presentes, ficou assentada a nomeação de uma comissão que se deverá encarregar de elaborar os estatutos da sociedade e apresentá-los a uma proxima assembleia geral dos sapateiros.

Essa comissão reuniu-se na quarta-feira passada, dando inicio ao seu trabalho.

Bilhetes e recados

Pelotas - J. M. Bento: Responderemos por carta fornecendo-lhe as informações necessárias. Já começamos a remetter-lhe um pacote do jornal. Saudações.

FOLHETIM DA LANTERNA

JOSÉ RIZAL

Noli me tangere (O Paiz dos frades)

Romance tagalo de 1888

(Especialmente traduzido para A Lanterna)

XXX PATRIA E INTERESSES

senhor caíra no laço como os outros habitantes do Archipelago. Inventou-se logo uma lenda que converteu em heroe o cura de San-Diego e o alferes da guarda civil.

Em quanto uma parte da população vislumbrava cruzes, condecorações, empregos e dignidades, via a outra levantar-se no horizonte uma nuvem carregada, em cujo fundo se desenhavam negras silhuetas, grades e grilhetas, e ainda o latido do pau da força.

Nos conventos reinava a maior agitação. Entravam e saiam sem passar carregados com os provincianos, que celebravam entre si conferencias secretas. No palacio de Malacañán não se interrompiam por um momento as visitas de suspicadas personagens e frades de todas as castas que iam oferecer ao seu apoio ao Governo que corria gravissimo perigo.

Um Te Deum, um Te Deum! - dizia um franciscano; - desta vez ninguém falte no coro! Não é nenhuma bondade de Deus mostrar, precisamente nestes momentos de angustia, quanto valemos nós.

sua preocupação de pontualidade. Se todos assim procedessem... Saudações. Taquaringa - L. Crespi: Está bem. Oxalá cada amigo do jornal fizesse outro tanto. Salute.

Pelotas - Ganganelli: Já estamos em comunicação com a pessoa indicada. O jornal tem sido remetido para a direcção recomendada. Muito terá a ganhar o nosso jornal com os esforços que em seu favor estas empregando. Faremos o que desejarmos. Aguardamos mais informações. Saudações.

Petropolis - J. de Araujo: Foi satisfeito o seu pedido. Agradecemos o que fizer abí pelo nosso jornal. Saudações. Ponte das Araras - J. B. M.: Remetemos o pacote pedido. Antecipadamente ficamos-lhe agradecidos pela promessa feita. Saudações.

Pirajá - H. N. Torres: Fizemos a transferencia recomendada. Saudações. Itamaraty - A. D. Barbosa: Recebemos os 10\$ de sua assignatura. Remetemos o premio e o recibo. Saudações.

Niteroi - J. Martins: Remetti o n.º pedido. S. de. Sertãozinho - Z. Brasil: Fizemos a transferencia dos endereços indicados. Agradecemos. Saudações.

Botucatu - J. S. de Mello: Recebemos os 10\$ de sua assignatura. Remetemos os ns. pedidos e o recibo. Saudações.

Rio - L. A. Dal Molin: Recebemos os 10\$ de sua assignatura. Saudações. S. Rita de Cassia - T. A. Fallom: Recebemos os 10\$ de sua assignatura. Felizmente a reacção contra essa peste já vai ganhando terreno por todo o Brasil. Saudações.

Padua - J. da S. Freire: Recebemos a importância de sua assignatura. Agradecemos o bom augurio. Saudações.

S. João de Arinsha - F. A. Mourão: Já lhe está sendo remetido o jornal. Saudações.

Mogy-Guaçu - João de Deus: E' juramento onde ainda o elemento é pequeno que devemos procurar divulgar o jornal. Ao menos para fazer pecar á carolida... Saudações aos amigos dahi.

Carmo do Parahyba - M. Chaves: Alegria-nos a noticia do seu restabelecimento. Agradecemos os esforços que tem empregado em favor da divulgação do nosso jornal. Continúa a residir em S. Paulo. Está agora apparecendo regularmente todas as semanas. Aguardamos com interesse a prometida colaboração. Saudações.

Com esta liçãozinha ha de estar mordendo os beiços o general Mau-Agouro - respondia outro.

Que seria delle sem as Ordens religiosas!

E' para melhor celebrar o triumpho, avise o irmão cozinheiro e o procurador... Gaudeamus por três dias!

Amen! Amen! Viva Solvi!

Viva!

Noutro convento falava-se de modo diverso.

Vêdes? E' um alumno dos jesuitas; do Athenaeu é que saiem os fibusteiros - dizia um frade.

E os anti-religiosos.

Eu já o disse: os jesuitas perdem o país, occorrem a juventude; mas são tolerados porque tem fama de sabios e annunciam os terramotos...

Qualquer indio os prognostica.

Hão de ver como lucram os peccadores de aguas turvas. Já os jornaes estão a pedir pouco menos do que uma mitra para o padre Salvi.

E' dão-lh'a! Dão-lh'a com certeza!

Acha que sim, irmão?

Decerto. Hoje por qualquer coisa a dão.

Estas e outras coisas mais se diziam nos conventos. Conduzamos agora o leitor a casa dum particular, para que forme uma ideia cabal da impressão produzida em Manila pelo famoso levante de San Diego.

No rico e espaçoso salão de sua casa de Tondo, está o capitão Tinong, sentado numa poltrona, passando a mão pela testa com ar de descon-sólido, em quanto sua esposa, a "capitana" Tinchang, chora e ralha-lhe diante das duas filhas, que ouvem e um canto commovidas e em silencio.

Ai! Virgem de Antipolo! Ai! Virgem de Rosario e da Correcção! Estamos perdidos! - gritava a mulher.

Nanay!... - exclamou a mais joven das filhas.

Eu bem te dizia! - continuou a mulher em tom de recriminação. - Bem te disse eu! Valha-nos Nossa Senhora do Carmo!

Mas se tu nada me disseste! onsou replicar o capitão Tinong. - Pelo contrario, aconselhava-me a frequentar a casa e a conservar a amizade do capitão Tiago porque era rico, e até me disseste...

O quê? Que é que eu te disse? Eu não te disse isso, não te disse coisa alguma! Ah! se tu me tivesses dado ouvidos!...

Agora atiras a culpa para mim! - redarguiu em tom amargo o marido, dando uma palmada no braço da poltrona. - Não me dizias que o deves convidar para jantar commoço? Ora vamos!

E' verdade que te disse isso, porque não fazias senão gaba-lo: Ibarra para aqui, Ibarra para ali, Ibarra para acolá. Mas não te aconselhei que fosse a casa de todo biche caretá, vangloriando-te da sua amizade.

O capitão Tinong não soube que responder.

A esposa, não contente com esta victoria, quiz aniquila-lo e increpou-o, acereando-se com os punhos cerrados:

Para isso andei eu trabalhando annos e annos? para que tu com as tuas asneiras deites a perder o fructo das minhas fadigas? Agora virão prender-te para te desterrarem, despojando-nos dos nossos bens. Ah! se eu fosse homem, se eu fosse homem!

Se eu fosse homem! - perguntou por fim o marido, irritado, - que farias?

Que faria? Hoje mesmo me apresentaria ao Capitão general, para me offerecer para ir combater contra os insurrectos!

Então não lêste o que diz El Diario? Lê! A traição infame e bastarda foi reprimida com energia e em breve os inimigos da patria e seus complices hão de sentir todo o peso e severidade das leis... Vê! Já acabou tudo!

Que dizem?

Personas fidedignas - disse o militar no meio do maior silencio - asseguram que todo aquelle

Mas não pôde concluir a palavra; a mulher correu para elle e tapou-lhe a bocca.

Pronuncia esse nome para amanhã mesmo te enforcarem em Bagumbayan! Não sabes que basta pronuncia-lo para ser condemnado sem formação de culpa?

Quatro ou cinco horas depois numa reunião de gente com pretensões, intra-muros, commentavam-se os acontecimentos do dia. A assembleia era constituída por velhas solteironas e casadas, mulheres ou filhas de empregados, vestidas de bata, abanando-se e bocejando.

Entre os homens havia um senhor de idade, baixinho e maneta, a quem tratavam com muita consideração e que mantinha, quanto aos outros, um silencio desdenhoso.

Para dizer a verdade, eu antes não podia soffrer os frades e os guardas civis, por serem tão malcriados - dizia uma senheira gorda; - mas agora que vejo a sua utilidade e serviços até me casaria gostosamente com qualquer delles. Eu sou patriota!

Eu digo o mesmo! - ajuntou uma fraca. - Que pena não termos o anterior governador!... Aquelle deixaria o país limpo como uma patena!

E a ralé dos fibusteirinhos acabaria!

Não dizem que ainda ha muitas ilhas despoçadas? Porque não deportam para lá todos esses indios malucos? Se fosse eu o governador!...

Minhas senhoras - disse o maneta; - o capitão-general sabe o seu dever; segundo ouvi dizer, está muito irritado, pois cumulára de favores esse Ibarra.

Cumulára de favores! - repetia a fraca, abanando-se furiosa. - Olhem que ingratos são estes indios! Podem porventura ser tratados como gente? Jesus!

E sabem o que ouvi dizer? - perguntava um militar.

Diga, diga!

Que foi?

Que dizem?

Personas fidedignas - disse o militar no meio do maior silencio - asseguram que todo aquelle

barulho de levantar uma escola era pura historia.

Jesus! Os senhores vêem? - exclamaram ellas em côro.

A escola era um pretexto; o que queriam era levantar um forte, para podermos defender-se bem quando fossemos ataca-los...

Jesus! que infamia! Só um indio é capaz de ter tão cobardes pensamentos - exclamava a gorda.

Se fosse eu quem mandasse, haviam de ver... haviam de ver...

Eu digo o mesmo! - gritava a fraca para o maneta. - Prendia todos os advogadinhos e padrecas indios, e sem formação de culpa desterrava-os para as Carolinas. Arrancava o mal pela raiz!

Pois dizem que o tal fibusteiro é descendente de hespanhinhos! - observou o maneta sem olhar para ninguém.

Decerto! exclamou imperturbavelmente a gorda. - Haviam de ser então os crioulos! nenhum indio entende de revelções! Cria corvos... cria corvos...

Sabem o que ouvi dizer? - perguntou uma crioula para levar a conversa para outro terreno. - A mulher do capitão Tinong... Lembra-se? Aquelle em casa de quem dançamos e ceamos na festa de Tondo...

Aquelle que tem duas filhas?... Que fez?... - A mulher acaba de apresentar esta tarde o governador com um anel do valor de mil pesos!

O maneta voltou-se rapidamente. - Deveras? e porque? - perguntou elle com olhos brilhantes de cubica.

A mulher apresentou-o como presente de natal!...

Mas se para o natal ainda falta um mês...

Decerto recela que lhe caia em cima o aguaceiro, - observou a gorda.

E trata de se obrigar - ajuntou a fraca.

Satisfação não reclamada, culpa confessada.

Nisso estava eu pensando; a senhora pôs o dedo na chaga.

Ha de ser isso - observou pensativo o maneta; - recelo que haja gato encerrado.

XXXI

O CASAMENTO

DE MARIA CLARA

O capitão Tiago estava muito contente. Durante toda aquella terrivel temporada ninguém se occupara delle. Não o tinham encarcerado, nem submettido a incomunicções, interrogatorios, machinicas electricas, pedulivros continuos em habitações subterraneas e outros processos profusamente empregados naquella occasião por pessoas que se consideravam civilizadas. Os seus amigos, isto é, os que o tinham sido (pois o nosso homem renegara os seus amigos filippinos desde que estes se tornaram suspeitos para o governo), tinham voltado tambem

(Continúa)